BOLSOLÂNDIA

e outros contos que você não viu

WILLYAM THUMS

BOLSOLÂNDIA E OUTROS CONTOS QUE VOCÊ NÃO VIU.
Copyright © 2020 Willyam Thums.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do autor.
Washington, D.C., Estados Unidos da América.

Headshot: © Stevengabrielphotography. New York City, USA.

Cover: Getty Images (Invoice n. 14891384)

PRIMEIRA EDIÇÃO, 2020.

Aos bichos, plantas e outros seres que,
de alguma maneira, compreendem
o amor melhor que nós.

Às Júlias-Marias, Valérias,
Gledsons, Joãos, Joões, Dolores, Rosanes
Izabéis, Docelinas, Veras, Denises, Marinas
e quem mais leu os rabiscos que um dia virariam livros.

W.T.

Índice

A empregada militante 1
O sofrimento da chuva 9
Angelicus Traquinensis 10
Havaianas brancas 11
Havaianas pretas 12
O dia em que o Diabo se aposentou no Brasil 13
Executivo coro(n)ado 19
Punição 20
Pipa 21
Capelinha 23
Decolando 26
Sônia 27
Juliana 28
Vanilda 29
Lucélia 30
Bárbara 31
Vanessa 32
Edilaine 33

Rosiméri 34
Isolda 35
Constantine 36
_____ 37
Fernanda 38
A Marcha dos Bichos 39
HisteRiaDeus 60
Uatizapi 61
Umas pedras 64
Pensamentos de um militar quase-aposentado 65
Mascate Contemporâneo 69
Primavera 74
Duas senhoras conversam 76
Mandinga 79
Primeira comunhão 80
Porto Terrorífico 81
Make Brazil Great Again 88
A viada oportunista 89
De Curitiba 96
O homem 102
Pensamentos de uma feminista 103
Cacto 109

A melhor das coisas 110
O médico plantonista 111
Gratuito 117
A faca depõe 118
Tartaruga-marinha 122
Elza 123
Cachorro de rua 124
S'empatia 128
Vianda 129
Isopor 130
Espírito 131
A Viradouro passou 133
Observações de uma falecida 136
Menino de colo 137
Caipirinha 143
Na fila da balada 144
Leitura 145
Quase todo mundo quis 146
Samambaia 148
Revolução das abelhas 152
Proteção 155
Praça da Apoteose 156

Pois 157
O homem que tinha apenas um sonho 159
Vidro 161
Fuga 162
Manifesto Ama Zônia 163
Curta 167
Bolsolândia 170
A nossa vez 180
Getúlio, 1998. 184
Observação 192
Perdoe-se 193
Desgosto póstumo 196
Gira Sol 198
Não vencera 201
Monólogo 203
Namastê 204
Os amores já não são mais os mesmos 205
A chuva 207
Coluna de jornal 208
Cansaço 209
Amorando 210
Campeche 213

Um sopro 214
Tênis vermelhos 215
Outras lembranças 217
O pulo 218
Ficção, sim 219
O abraço 220
Confidências 221
Quase um Post Scriptum 223
Arboreum 225
Estrela 226
Últimos versos 229

A empregada militante

Tudo sempre brilhando, pensou Irene enquanto deslizava o paninho laranja sobre o balcão de quartzo da cozinha. A vida era um final de fogos de artifício. Vivia-se no limite das emoções, do fugaz e cintilante nanosegundo onde as alegrias costumam embrulhar-se antes da escuridão.

A brisa carioca que entrava de maneira insistente parecia não incomodar os lírios brancos na sala de leitura. Com pequeninos detalhes em ouro, o relógio de parede e senhor das horas ricas na cobertura do Leblon se mostrava indiferente.

A empregada curvou-se para a esquerda e, por entre a frestinha da porta dupla que ligava a cozinha à sala de jantar, notou o jornal do dia aberto; tinha sido

lido por olhos azuis pouco cansados da vida que levavam.

Com os dedos levemente úmidos, finalizou num gesto abrupto a limpeza da última quina do balcão impetuoso, indo-se ao encontro daquelas folhas cinzentas sobre a mesa onde descansavam. Da alta parede, o relógio considerou aquilo um delito. A hora grande não era um portal para empregadas, pensou, imóvel.

Mas Irene se permitiu, inclusive, sentar-se na confortável cadeira de espaldar alto, descansando as pesadas nádegas sobre o assento macio e caro onde, por gerações, haviam sentado senhores de um patriarcado longínquo.

Correu os olhos de um lado ao outro, encontrando a fotografia de um senhor que sorria um sorriso fino, como que se escondesse naquilo desejos secretos. Reconheceu-o logo, sentindo um quase desconforto ao perceber que ele era a provável razão pela qual seu patrão havia abandonado o restante de páginas que falavam sobre horóscopo, crimes na zona norte e talvez até umas promoções de veículos importados.

Começou a ler a tal coluna, sem esquecer-se das três camisas de linho que lhe esperavam enfileiradas para serem passadas à ferro na lavanderia. Consultou as horas, agarrando os braços da cadeira para aproximar-se mais da mesa.

E leu.

Leu que mudar-se-iam leis de aposentadoria e benefícios que até então tinham sido verdadeiras esperanças de uma vida servil que, em sua conta, parecia chegar ao fim. Contou nos dedos, um a um, todos os anos em que havia trabalhado como contribuinte. Releu o parágrafo onde a proposta de uma aposentadoria mais tardia era explicada. Recontou os dedos, erguendo-se, por fim, da cadeira. Vociferou *mas-que-absurdo!* enquanto fitava aquele sorriso medonho e covarde na fotografia horizontal.

Sentiu repulsa e quando deu por si estava andando de um lado para o outro, deixando marcas no tapete persa que se estendia por grande parte da sala de estar.

Então as coisas seriam assim tão fáceis? Já haviam-lhe roubado o sumo da vida em décadas de contribuição, minutos, horas, dias, meses em pontos de

ônibus, noites sem dormir cuidando dos filhos dos patrões, dos filhos dos filhos dos patrões, finais de semana servindo jantares faraônicos com direito a champanhe estocado na sua própria dependência, tirando-lhe a pouca privacidade que a vida profissional lhe reservara, idas e vindas no elevador de serviço carregando compras de supermercado, incansáveis decorações de Natal sem não antes desencaixar todas aquelas parafernálias capitalistas e odiosas que coloriam os lares antes do suposto nascimento de Jesus Cristo, periódicas conversas vazias e sem significado enquanto a patroa lhe roubava os preciosos minutos de descanso uma vez que a louça já estava lavada, intermináveis ordens de todos os lados preenchendo-lhe a vida com mais serviço, incalculáveis anos que pareciam envelhecer-lhe mais rápido que seus senhores, e agora, quando tudo estava mais próximo de um fim, quando sua carta de alforria demonstrava já quase querer tocar seus dedos ásperos e desidratados ao passo que via o senhor Tempo assiná-la com uma pena longa e branca depois de tê-la encharcado no tinteiro com o sangue de seus tenros dias, agora esse homem sorridente, numa fotografia preta e branca, anunciava-lhe que ainda não!

Sentiu a boca amarga – sabor fresco da derrota.

Então teve uma ideia.

Executou suas tarefas com o mesmo primor de outrora. Passou as três camisas que lhe aguardavam enfileiradas, sem muita urgência. Depois voltou ao jornal, certificando-se de que não havia deixado vestígios ao manuseá-lo, jogou fora a bituca de cigarro importado que havia fumado, e, por fim, trocou a água dos girassóis uma vez que a brisa fresca e suave cessara.

Nas semanas que se seguiram, pouco se pôde notar em seu comportamento distinto. Mostrava-se mais pensativa, quase distante. E se os móveis da casa prestassem um pouco mais de atenção, notariam um ligeiro sorriso iluminando-lhe a face.

Por fim, no dia que antecedia a votação de primeiro turno, permitiu-se um crime maior.

Abriu a caixa de metal acinzentado onde comumentemente escondiam-se documentos de diversas ordens. Sentiu um leve incômodo na nuca, notando também seus pés gelados. Entretanto, jamais considerou abortar a missão. Seus dedos sofridos folheavam páginas, buscando o irreparável dano que

estavam prestes a causar. Pronto. Logo debaixo de RGs, CPFs e alguns passaportes inválidos, encontrou um título de eleitor. Irene não se conteve. Soltou um grito que acordou a espreguiçadeira da sacada e então levou as duas mãos e o título de eleitor do patrão ao coração. Sentiu-se orgulhosa, sentiu-se algo mais séria, inteligente... maior.

E tamanho feito encheu a cobertura do Leblon.

A empregada sentiu o corpo invadir cada cômodo daquele lugar, adentrando salas, cozinha, banheiros, dormitórios e tudo mais que as paredes separavam. Pôde, inclusive, imaginar, dentro de sua cabeça crespa, seus pés derrubando mesinhas, plantas, suas pernas crescendo e empurrando portas ao passo que, logo, seu corpo todo inflava como um balão de hidrogênio, tornando-se a única coisa que existia na cobertura do edifício. Sentiu o coração palpitar, mistura de medo e orgulho – adrenalina das grandes façanhas.

Antes de levantar-se, teve bastante cuidado ao guardar a caixa de documentos. Apagou qualquer sinal que porventura pudesse macular sua honra e conduta. Deu meia volta, lançou os olhos sobre aquele título de eleitor mais uma vez antes de sair do quarto. Era

sábado, e aquele sábado específico também anunciava a ida para casa.

Um pouco antes das sete da noite, fechou atrás de si aquela residência, deixando um casal de velhos tomando vinho na sacada.

Mas não somente isso.

Lá dentro deixou também um senhor de olhos azuis que no próximo dia amanheceria aos gritos, apurando sua esposa para que encontrasse seu título de eleitor. E, entre ameaças de infartos, gritaria até o último minuto antes que as votações se encerrassem.

Irene, sentada na pequena mesa que conseguira para a modesta casa, observava o título de eleitor do patrão pregado na parede recentemente rebocada. Aquilo ali, meio torto e até engraçado, era um troféu.

De repente, como que se ordenado por um cinematógrafo, uma folha de bananeira moveu-se na janela gradeada da cozinha, permitindo que a penumbra quente e úmida onde estava Irene se iluminasse. Lusco-fuscos cintilantes em tons coloridos, mesmo que etéreos, iluminaram o primeiro dos jantares a dois que Irene teria no alto do Morro da Mangueira dali para frente. A luz penúltima, essa observada pelo patrão

fotografado, emanava do sorriso ditoso e altivo da empregada.

E antes que a última colina da cidade do Rio de Janeiro se cobrisse para dormir, dona Irene brindou aquele domingo observando, sem pressa, o derradeiro brilho dos fogos de artifício que resistiam no horizonte.

O sofrimento da chuva

Se uma gota de chuva quisesse chorar, seu pranto seria si mesma.

E, portanto, todo seu ser seria tristeza.

Angelicus Traquinensis

As gentes acendiam velas para seus santos, mas por que não acendiam para si mesmas?

E construíam andores, capelas, altares sem que, de fato, purificassem seus corações selvagens.

Os anjos, especialmente os barrocos, deviam alimentar-se de algo. Aquelas carnes não aguentariam o peso das demandas terrenas (e as velas tinham um gosto terrível!).

Há quem diga que em Minas, lá no auge de Congonhas, Diamantina, Ouro Preto e Sabará, reuniam-se nas cozinhas das casas grandes para comer feijoada com farofa de toicinho quando as negras iam dormir.

Pesados e incapazes de voar, pediam ajuda aos exus. E com suas capas mágicas de invisibilidade, regressavam às igrejas onde, roliços, pegavam no sono sem não antes arrotar um par de vezes e fazer o sinal da cruz.

Havaianas brancas

Roubaram meus chinelos às quatro horas da tarde em Ipanema.

Isso deve dizer alguma coisa sobre o Brasil.

Havaianas pretas

Mataram meu filho por ter roubado um par de chinelos.

Isso também deve dizer alguma coisa sobre o Brasil.

O dia em que o Diabo se aposentou no Brasil

Era janeiro e eu já estava pra lá de saco cheio dessa história de anjo caído e pecado e inferno e mármore de fogo e tudo mais que andam incrementando por aí – que, cá entre nós, nem é tão ruim assim.

Lembrei-me que algo barulhento acontecia pela América do Sul nessa época. Enfiei a mão no bolso à procura do meu calendário. Não! Esse não... também não... náá... 3001? E fui me surpreendendo com a digna pontualidade reservada a todos os eventos em sei-lá-quantos-anos a frente. Como se não bastasse, achei ainda um pouco de areia, uma fotinho do Papa Francisco e três ou quatro notinhas fiscais de quando estive em Bangladesh. Com sorte, desenrolei o calendário do corrente ano. No mês dois, com letras garrafais, lia-se: *Carnaval. Brasil.*

Sim! Eu também me perguntei como poderia ter esquecido aquilo, mas você sabe... a gente fica velho e acaba mesmo ficando caduco. E só de pensar que numa madrugada qualquer de 1807 ainda ajudei a embarcar e enviar aquele monte de gente para lá! *Anyway*... poderia ouvir o som da festa carnal há milhares de quilômetros de distância, e com antecedência de dias – o que me permitia chegar a tempo e ainda pechinchar uma fantasia.

Havia já seus vinte e oito anos desde a última vez que lá estive. Comemorei a pobreza junto com a pobraiada e ninguém desconfiou dos meus disfarces. Havia umas senhoras também, mas a ressaca era tão grande que até hoje não recordo o que se passou naquela construção para onde rebocavam as alegorias. Não carrego culpa alguma, dizem que o Carnaval é pra isso mesmo (risos)... Não era meu primeiro desfile, claro, mas você sabe... existem assuntos maiores para se preocupar; essa coisa de Bíblia acaba comigo. Mas de marchinha a desfile televisionado, muita coisa andou melhorando por estas bandas de cá, hein, pensei aterrissando.